

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
TECNOLOGIA EM DESIGN DE MODA

Renda-se às tramas da renda

Priscila Santos Loureiro Reis¹

Centro Universitário UniAcademia, Juiz de Fora, MG

Aline Marques Costa²

Centro Universitário UniAcademia, Juiz de Fora, MG

Linha de Pesquisa: Roupas memória

RESUMO

O desenvolvimento deste trabalho tem como objetivo a conclusão do curso de Tecnologia em Design de Moda, e será apresentada uma coleção de moda Casual Chic, de roupas femininas da Marca Roda Rosa. Todo o projeto foi desenvolvido a partir de pesquisas bibliográficas. Traz uma reflexão de como as rendas artesanais podem ser incorporadas pela moda, como um rico elemento de design de superfície. O trabalho mostra uma narrativa histórica sobre a formação deste tecido que se constrói a partir da amarração e que foi trazido para o Brasil pelos colonizadores portugueses. Cada tipo de renda é percebido numa identidade própria, com cultura e memória. São mostradas as rendas renascença, de bilros e abrolhos. Como resultado, temos uma coleção de moda que buscou demonstrar como as rendas artesanais agregam valor as peças que podem ser usadas em qualquer ocasião, apresentando uma identidade individual e competitividade no mundo da moda.

Palavras-chave: Design de moda. Renda. Artesanato.

ABSTRACT

¹ Discente do Curso de Tecnologia em Design de Moda do Centro Universitário UniAcademia. CES/JF. Celular: (32) 99193 4215. E-mail: pryscilareisjf@hotmail.com

² Docente do Curso de Tecnologia em Design de Moda do Centro Universitário UniAcademia. Orientador (a). Campus Arnaldo Janssen.

The development of this work aims to conclude the Technology in Fashion Design course, and a collection of Casual Chic Fashion, of women's clothing by the Roda Rosa brand, will be presented. The entire Project was develop based on bibliographic research. It brings a reflection of how handmade lace can be incorporated by fashion, as a rich surfasse design elemento. The work shows a historical narrative about the formation of this fabric that is built from tne mooring and that was brought to Brazil by the Portuguese colonizers. Each type of income is perceived in its own identity, with culture and memory. Renaissance lace, bobbins and thistles are shown. As a result, we have a fashion collection that sought to demonstrate how handmade lace adds value to pieces that can be used at any time, presenting na individual identity and competitiveness in the fashion world.

Keywords: Fashion design. Lace. Crafts

1 INTRODUÇÃO

Este projeto faz parte dos pré-requisitos necessários para a conclusão do curso Tecnológico em Design de Moda e tem como objetivo a elaboração de uma coleção desenvolvida a partir da pesquisa sobre rendas artesanais, suas técnicas e aplicação na moda.

Este projeto está vinculado à linha de pesquisa Roupas memória, que usa a roupa como uma forma de contar histórias. Aqui, elegemos um tecido especial para lembrar parte de nossa cultura artesanal

As rendas renascença, de bilros e abrolhos, em especial, foram as pesquisadas e utilizadas para a confecção da coleção. Essas rendas artesanais são um tipo tecido que se forma através da técnica da amarração ou cruzamento de fios, é um elemento de superfície de design que agrega valor à peça e será visto como um diferencial quando utilizado em roupas.

O primeiro capítulo intitulado, O artesanato chamado renda, tratará da arte enquanto técnica, fornecendo exemplos de alguns tipos de trabalhos manuais.

No segundo capítulo, faremos uma narrativa histórica de como as rendas artesanais surgiram e, posteriormente, como chegaram no Brasil e como, ao longo dos anos, a técnica foi sendo repassada de geração em geração até os dias atuais.

A particularidade de cada renda será tratada na sequência, mostrando seu berço de origem, bem como, a técnica específica de cada uma delas.

Finalmente, a renda será apresentada como um elemento rico do artesanato brasileiro, capaz não só de valorizar as diferentes peças, mas também de apresentar sua multiplicidade, versatilidade e democracia.

A partir da pesquisa realizada, será desenvolvida uma coleção com cinco looks, denominada Renda-se, pela marca Roda Rosa e que busca valorizar a cultura popular e o trabalho das rendeiras e resgatar a importância dos trabalhos manuais.

1. O ARTESANATO CHAMADO RENDA

O trabalho manual e o artesanato acompanham a história do homem ao longo dos tempos. Em todos os períodos da história da humanidade os homens utilizaram os mais diversos tipos de matérias primas para confeccionar objetos utilitários, vestimentas, artigos para decoração e outros. O artesanato sempre esteve presente na rotina dos homens (BARROS,2006).

Freitas (2011) diz que pela necessidade do homem se vestir, se proteger, se alimentar, se enfeitar e se expressar, lançou mão da atividade artesanal, desde os povos mais primitivos, usando diversos tipos de materiais: fibras, madeiras, plantas, tecidos, pelos de animais e minerais.

Embora sendo uma atividade manual considerada muito antiga, de acordo com Saviani (1998) a palavra artesanato só apareceu no dicionário brasileiro por volta do século XX e Sabino (2007) conceitua artesanato à partir da técnica aplicada sobre os trabalhos.

Artesanato é relativo a artesanal que, por sua vez, faz referência ao trabalho manual e não industrializado (Figura 1). Peças artesanais podem ser simplesmente rústicas ou possuir grande sofisticação. Na moda, crochê, tricô, macramê, bordados e montagem de bijuterias, entre outros trabalhos, são exemplos de artesanato (SABINO, 2007, p.69).

FIGURA 1 - Exemplos de artesanatos: crochê, bordado e macramê



Disponível em <https://www.artesanatopassoapassoja.com.br/artesanato-em-croche/>, <https://soundcloud.com/rduniversitariafm/finalizada> e <https://www.elo7.com.br/painel-macrame-cor-mostarda/dp/C6C1A4>. Acesso 15 abr. 2020.

Barros (2006) mostra que o artesanato doméstico é uma das formas mais conhecidas de produção e se caracteriza por ser uma ocupação secundária. O trabalho realizado nesta categoria apresenta uma produção sem programação.

O artesanato, no entanto, é muito mais que um fazer pessoal e ele representa um forte aliado para os designers de moda, pois agrega valor e diferenciação às peças produzidas. De acordo com o SEBRAE (2014) a moda exerce um papel relevante na valorização do trabalho manual.

Dentre os diversos tipos de trabalhos manuais, encontramos as rendas artesanais, esses tecidos que se constroem a partir da amarração e sempre foram sinônimos de luxo e muita sofisticação, e a cada ponto e a cada laçada, se tornam símbolo de uma cultura ou de uma região.

Confeccionadas artesanalmente, ou seja, manualmente, as rendas são feitas a partir de diversos pontos usando agulhas e fios, geralmente de seda, linho ou algodão. Todo o processo requer por parte do artesão muita habilidade e paciência, tornando a peça única e exclusiva (SILVA, 2013).

Segundo Pezzolo (2007), não se sabe ao certo quando as rendas surgiram, mas acredita-se que esse fato se deu no Oriente, e trazido depois para o Ocidente pelas Cruzadas, por volta do século XVI. Todas as rendas nasceram de duas técnicas: renda de bilros, que são produzidas através dos trançados, e a renda de agulha em técnicas de bordado.

A renda de bilro, surgiu primeiramente na Bélgica. Consiste no manuseio de vários fios e cada um deles é preso a um tipo de agulha grande de madeira com um orifício na ponta, chamada de bilro. O trabalho é feito sobre uma almofada que contém um modelo demarcado num papel (CHATAIGNIER, 2006).

Outro tipo de renda é a de agulha que tem origem em Veneza, e sua técnica consiste em ir dando laçadas no fio, no qual uma parte fica presa à agulha e outra à base, que vão formando desenhos dos mais simples aos mais complexos (UDALE,2015)

As rendas se tornaram objetos de luxo e nobreza a partir de Catarina de Médici, na Itália, e sendo introduzidas também na Corte Francesa. No entanto, passaram a fazer tanto sucesso em meio aos nobres que a importação da renda italiana passou por várias medidas de proteção decretadas por Luís XIV, e, desse modo, a França passou a produzir suas próprias rendas (MAURILO,2008).

Como um tecido cobiçado e sinônimo de requinte e exclusividade, não demorou muito tempo para que fossem criadas as máquinas que imitavam com perfeição o desenho das rendas feitas à mão (SILVA, 2013).

2. CHEGADA DAS RENDAS AO BRASIL

De acordo com Gomes e Araújo (2013, p.1) a renda foi levada para Portugal, onde era usada “para enfeitar os paramentos, a vestimenta dos oficiais e os altares da Igreja Romana onde as rendas eram presas em formato de bico, e assim, foi seu trajeto até chegar ao Brasil, trazida pelos nossos colonizadores”.

Quando chegaram ao Brasil, os colonizadores já encontraram uma relíquia em termos de trabalhos manuais, pois os que aqui viviam já teciam, pintavam e trançavam (FREITAS, 2011). Dessa maneira, não foi difícil introduzir mais uma arte, a de fazer renda.

As mulheres começaram a aprender a arte de tecer e nos núcleos artesanais da família, a técnica foi sendo repassada de geração em geração. Atualmente, encontramos mulheres rendeiras em todo o território, principalmente no nordeste do país (SILVA, 2013).

Rendas, bordados, labirintos, richelieu, renascença, crochê de linha fina, casa de abelha. Uma quantidade imensa de “tramas” revela a diversidade cultural cearense encontrada nos recantos mais distintos do Estado, onde a presteza das mãos da inventividade dos traços e a riqueza das cores elaboram a delicadeza (ANUÁRIO DA MODA DO CEARÁ, 2014, p. 104).

FIGURA 2 - Criatividade e diversidade em feira de artesanato no Ceará



Disponível em: <http://blogcarlossantos.com.br/feira-multicultural-mostrara-criatividade-e-diversidade/>
Acesso 15 abr. 2020.

2.1 RENDA RENASCENÇA

A renda renascença surgiu no período do Renascimento, o que deu origem ao seu nome. Apesar de ter se difundido a partir da corte italiana, ela é produzida em outros locais como, por exemplo, na Irlanda. Por esse motivo ela recebe outros nomes como renda irlandesa, renda *luxeuil* e renda *batternberg* (SILVA,2013).

No Brasil, é chamada de renda inglesa e é fabricada no Nordeste pelas mulheres rendeiras, que em muitos casos trabalham no sistema de cooperativas. Foi trazida pelos portugueses, pelas mãos das mulheres desses colonizadores europeus, e a técnica era ensinada pelas freiras em colégios e conventos (CHATAIGNIER, 2006).

A técnica utilizada se faz através do uso de *lacê* que serve de base para o trabalho feito com a agulha e desenvolvimento das formas das rendas. Todo o processo de fabricação da renda é a partir de um papel grosso onde o *lacê* é alinhavado sobre um desenho e depois é fixado à uma almofada tubular onde a renda será tecida. Mais tecnicamente:

A renda Renascença é feita com uma única agulha para confecção das tramas, usando-se uma espécie de fitilho, conhecido no Brasil por *lacê*, que é constituído por uma estreita faixa de tecido de algodão, usada para demarcar os espaços a serem preenchidos, formando o esqueleto da peça com desenhos variados. Para fazer a renda renascença, a rendeira deverá ter um modelo previamente desenhado em um papel lustroso e transparente devendo ser colado a um outro papel mais resistente e opaco, onde será

alinhavado o fitilho contornando o desenho para em seguida ser posta em volta da almofada, quando então deverá ser feita a renda e preenchidos os espaços vazados com variados tipos de pontos (SILVA, 2013, p. 81-82).

FIGURA 3- Renda renascença. O desenho é riscado, depois o *lacê* é preso sobre o papel e sobre a almofada e começa a elaboração dos pontos.



Disponível em : <https://comparoni.wordpress.com/2011/05/15/renda-renascenca-nos-acessorios-comparoni/> e <https://caixacolonial.club/blog/renda-renascenca-do-cariri-paraibano-231/>. Acesso em: 9 abr. 2020.

No campo da moda, muitos estilistas brasileiros se utilizam das técnicas têxteis para criar um diferencial em suas peças e mostrar uma característica nacional em suas coleções. Muito do artesanato brasileiro é visto nas peças dos estilistas, como por exemplo o bordado, as ornamentações, os plissados e os diversos tipos de rendas.

Martha Medeiros é uma estilista brasileira, conhecida mundialmente por suas coleções e trabalhos realizados com a renda renascença (Figura 4) produzidas por artesãos do Nordeste, com exclusividade.

FIGURA 4- Trabalhos da estilista Martha Medeiros em parcerias com Cooperativas de Artesãos



Disponível em: <https://www.tipsforbride.com.br/renda-renascenca-vestidos-noiva/n> e <http://receitadenoiva.com.br/index.php/2015/12/16/martha-medeiros-para-noivas/>. Acesso em: 9 abr. 2020.

2.2 RENDA DE BILROS

De acordo com alguns historiadores, a renda de bilros tem sua origem na Bélgica no século XV e logo se espalhou por toda a Europa (FREITAS, 2011).

Ela foi trazida para o Brasil pelos portugueses (açorianos), por volta de 1748, que faziam com ela diversas peças decorativas como toalhas, trajes para igrejas, roupas dos nobres, lençóis e outros. As mulheres teciam sobre as almofadas e vendiam as rendas como uma maneira de aumentar a renda familiar. A renda de bilro era também conhecida como renda de almofada ou renda da terra (DIVISÃO DE FOLCLORE, 1978).

Com o passar dos anos, a arte de tecer a renda de bilro passou a ser vista como um meio de complementar o orçamento familiar.

Se observarmos hoje em dia, os artesanatos de um modo geral, ainda são utilizados como uma fonte de renda alternativa para muitas famílias (SEBRAE, 2014).

Os trabalhos manuais faziam parte da educação formal das jovens no início da colonização. No entanto, não se tem registros ou referências acerca do ensino da renda de bilros. Com isso, Girão (1984) atribui ao ensino de tecer com bilros às vias domésticas, passadas de uma geração para outra ou mesmo através de amigas e vizinhança. Para ele, foi no contexto da casa, ou no seu entorno que a técnica foi espalhada.

Barroso (2008) destaca que a renda de bilro pode ser de vários tipos: entremeio, bico, galão, trutru e matame.

Para fabricá-las, a artesã prepara a almofada, risca o desenho no pique, marca perfurando seus contornos e o prende à almofada. Depois, enfia os espinhos nos furos do pique, até os fios aos bilros e enche-os, em número de no mínimo 12. Então começa a tecer a renda, manipulando os bilros, dois em uma das mãos e dois na outra, em movimento de rotação, entre o polegar e o indicador. Passa uns sobre os outros entrecruzando os fios por entre os espinhos, dando nós, torcendo, efetuando o traçado e outros pontos de renda, para formar o desenho desejado. Completando o desenho, retira os espinhos e liberta a renda da almofada (BARROSO, 2008, p.78))

No Brasil a renda de bilros também é chamada de renda do norte, renda do Ceará e renda da terra (GIRÃO, 1984).

O nome renda de bilros vem do principal instrumento utilizado para fazer a tecelagem, os bilros. Estes, são hastes, geralmente feitos de madeira ou mesmo outro material como osso ou marfim, contendo em uma das extremidades uma cabeça em formato de pera onde os fios são presos. Sobre uma almofada os bilros são entrelaçados (Figura 5) de acordo com o desenho da renda a ser feita (GIRÃO, 2013).

FIGURA 5- Renda de bilros



Disponível em: https://www.artesol.org.br/Associacao_de_Artesaos_de_Saubara. Acesso em: 9 abr. 2020.

Como exemplo da fabricação da renda como um patrimônio cultural passado por gerações numa mesma família, cito o exemplo da família do meu pai, em que três gerações aprenderam a tecer a renda de bilros (Figura 6).

FIGURA 6- Rendas de bilros produzidas por membros da família Reis



Fonte: ACERVO PESSOAL, 2020.

As rendas hoje, são uma relíquia na família, pois possuem mais de 80 anos de confeccionadas.

2.3 RENDA DE ABROLHOS

A origem da renda de abrolho é incerta mas acredita-se que ela foi trazida para o Brasil pelos primeiros colonizadores, segundo Girão (1984). O abrolho, no entanto, é uma técnica de artesanato muito antigo que trabalha com fios e nós, muito parecidos com o macramé, que é uma técnica de tecer fios que não utiliza nenhum tipo de maquinaria ou ferramenta. É um modo de tecelagem manual.

Trabalhando com os dedos, os fios vão se cruzando e ficam presos por nós, formando cruzamentos geométricos, franjas e uma infinidade de formas decorativas. É uma arte que se originou na pré-história, quando o homem aprendeu a amarrar fibras para se agasalhar e criar objetos. Foi difundida no mundo por marinheiros que utilizavam a técnica para criar objetos marítimos, que permutavam nos locais onde desembarcavam³

Usada como enfeites nos enxovais das senhoras europeias, a renda de abrolho (Figura 7) era feita inicialmente em sacos desfiados e dessa maneira se

³ Fonte: Disponível em:<http://pt.wikipedia.org/wiki/macram%C3%A9>. Acesso em: 9 abr. 2020.

popularizou no Brasil sendo uma técnica que alcançou diferentes pessoas e de todas as classes sociais (CHATAIGNIER, 2006).

FIGURA 7- Rendas de abrolhos



Fonte: Disponível em: <https://artesanato.culturamix.com/bordados/abrolhos> e <http://vodonazinha.blogspot.com/2012/10/abrolhos.html>. Acesso em: 12 abr. 2020.

Se as primeiras rendas eram feitas em tecidos de saco alvejados, com o passar do tempo, elas passaram a ser feitas em outros tecidos, como no linho e aplicadas em diversas peças (SILVA, 2013).

3. A MULTIPLICIDADE DAS RENDAS

A renda resultante da técnica artesanal que se baseia no entrelaçamento de fios formando desenhos de diversos formatos, em que o tecer da agulha, ou o trançado do bilro, ou um simples ato de amarrar e que depende da criatividade do artesão, torna-se um tecido com características ímpares, que agrega valor às diversas peças em que é utilizada como design de superfície.

De acordo com Gomes e Araújo (2013) as rendas já foram sinônimo de requinte, luxo e nobreza, ou seja, poucos tinham acesso a esse tecido artesanal que tanto dependia da destreza, criatividade e paciência por parte dos artesãos.

A princípio, as rendas eram usadas apenas nos mantos dos cleros e da realeza e por volta do século XIX, passam a ser muito utilizadas em vestidos, chapéus, véus, luvas, lenços e adornos de um modo geral (MAURILIO, 2008).

Atualmente, há uma variedade infinita de rendas, algumas mais delicadas outras mais rústicas e naturais, mais ou menos vazadas, com ou sem transparência, com muita ou pouca textura, feitas à mão ou não e, principalmente, em uma gama muito variada de cores. A diferença é que em nossos dias este tecido pode se impor no look como um todo: em calças, vestidos, nas sobreposições e em trajes estampados para as mais intrépidas.

No Brasil, a renda intensifica o poder da sedução do público feminino. Aliás, em nosso país, a renda desembarcou junto com a família real portuguesa, e nunca mais abandonou as terras tropicais (BRUSSI, 2009).

As primeiras rendas surgiram na região nordeste do Brasil, inicialmente sendo confeccionadas com linho, mas, aos poucos, o material foi substituído por outras matérias primas como algodão, seda, viscose, náilon e elastano. Este procedimento transformou a renda em um material de menor custo e, por isso mesmo, menos elitista (DIÁRIO DO NORDESTE, 2014).

Durante muito tempo, a renda ficou restrita às peças específicas na história conforme mencionado anteriormente. Hoje, ela retoma seu lugar por excelência no universo da moda.

4 RENDA-SE

Ao abordar a história das rendas, suas origens e como chegaram no Brasil, percebeu-se que elas foram incorporadas aos trajes, inicialmente como indicativo de status, nobreza e ostentação.

Bem definida por Bueno (1988) no Grande Dicionário Etimológico Prosódico da Língua Portuguesa, como “lavor de agulhas ou ainda como tecido muito fino e aberto”, as rendas foram pouco a pouco assumindo um papel diferente.

Trazidas para o Brasil pelos colonizadores, logo conquistaram um espaço como um rico trabalho manual que passou a ser ensinado em diferentes núcleos.

A partir da pesquisa realizada sobre o tema e todo o processo criativo das rendas surgiu a ideia da criação da coleção **Renda-se**. Uma coleção com peças da moda casual-chique, extremamente confortáveis que visa valorizar o trabalho manual e trazer à baila o trabalho diferenciado das mulheres rendeiras.

Para o público alvo, buscou-se mulheres de todas as idades que valorizam os trabalhos manuais, que possuem um estilo próprio e que veem as rendas como um produto que traduz feminilidade e beleza, podendo ser usadas em trajes diversos.

Em relação ao projeto de criação, as peças unem tendências do momento ao artesanato e ao mesclar esses dois estilos o resultado pretendido são de looks extremamente diferenciados.

Os tecidos de algodão escolhidos como o linho, a cambraia e a lesie receberão as rendas de bilros, renascença e abrolhos, produtos advindos do artesanato brasileiro como design de superfície.

Toda a coleção a ser elaborada, buscará seguir o conceito da renda como um tecido democrático e um rico trabalho manual capaz de agregar valor à peça. A coleção será formada por cinco looks. O vestido com a renda renascença, forma um bico na frente, retratando a nobreza e os altares das igrejas do passado. O conjunto de duas peças, com a renda de bilros como design de superfície tem detalhes assimétricos na saia. Outro look que compõe a coleção é um vestido com recortes, onde a renda de abrolho perfila todo o babado presente na lateral. Os outros dois looks, são confeccionados em tecido mais leve, possuem babados e há uma mistura de rendas. Todos os detalhes do design bem como as cores escolhidas fazem parte da tendência para o verão 2020/2021.

REFERÊNCIAS

BARROS, L.A.S., **Design e artesanato: as trocas possíveis**. 2006. 132f. Dissertação (Mestrado em Artes e Design)- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

BARROSO, R.O.C., **Mãos preciosas: o artesanato do Ceará**. 1ed. São Paulo: Lustre Editores, 2008.

BRUSSI, J.D.E., **Da “renda roubada” à renda exportada: a produção e a comercialização da renda de bilros em dois contextos cearenses**. 2009. 145 f.

Dissertação (mestrado)- Curso de Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

BUENO, F.S. **Grande Dicionário Etimológico- Prosódico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Lisa, vol. 7, 1988.

CHATAIGNIER, G., **Fio a fio: tecidos, moda e linguagem**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2006.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Anuário de moda do Ceará**. Fortaleza, 2014.

DIVISÃO DO FOLCLORE (Rio de Janeiro). **As guardiãs da renda: rendeiras de bilro no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Iphan, 1978

FREITAS, A.L.C. **Design e artesanato: uma experiência de inserção da metodologia de projeto de produtos**. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2011.

GIRÃO, V.C. **A renda de bilros e seus artífices**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1984.

_____ **Renda de bilros**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2013.

GOMES, G.C.C.; ARAÚJO, M.S., **Artesanato e moda: inovação e funcionalidade- uma referência cultural no Piauí**. Anais do 9º Colóquio de Moda. Fortaleza, Ceará, 2013.

MAURILIO, L., **A história da renda**. São Paulo: R7.2008. Disponível em: <https://fashionbubbles.com/historia-da-moda/a-historia-da-renda/>. Acesso em 15 abr. 2020.

MEDEIROS, M. Online. 2020. Disponível em <https://www.tipsforbride.com.br/renda-renascenca-vestidos-noiva/n> e <http://receitadenoiva.com.br/index.php/2015/12/16/martha-medeiros-para-noivas/>. Acesso em 9 abr. 2020.

PEZZOLO, D.B., **Tecidos: história, tramas, tipos e usos**. São Paulo: Editora Senac, São Paulo, 2007.

SABINO, M. **Dicionário da Moda**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

SAVIANI, D. **Educação e trabalho artesanal**. In: Rugiu, A.S. Nostalgia do mestre artesão. Campinas: Autores Associados, 1998.

SEBRAE. **Parceria entre artesanato e moda**. Online 2014. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/PE/Anexos/perfil%20de%20Oneg%C3%B3cios%20de%20moda.pdf>. Acesso 15 abr. 2020.

SILVA, G.J., **Rendas que se tecem, vidas que se cruzam: tramas e vivências das rendeiras de Renascença do município de Pesqueira-PE**. 2013. 212f.

Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

UDALE, J., **Tecidos e moda: explorando a integração entre o design têxtil e o design de moda.** Tradução: Laura Martins. 2.Ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.